

Pessoalidade, janelas indiscretas e intimidade forçada na vivência de um prédio popular

Williane Juvêncio Pontes

Doutoranda em Antropologia/Universidade Federal da Paraíba

<https://orcid.org/0000-0002-0427-1487>

Williane_pontes@hotmail.com

Introdução

Os sons dos freios do transporte coletivo no ponto de ônibus da avenida lateral, do casal de periquitos que, cedo da manhã, canta sobre a copa da árvore de tamarindo na rua e, vez ou outra, dos latidos do cachorrinho da vizinha da frente, circunscrevem a experiência do começo de mais um dia no prédio X2, a partir do apartamento 301, no segundo andar. Junto com o nascer do sol é possível escutar o barulho do motor do portão de pedestres, indicando sua abertura e fechamento automático após a passagem do morador para o trabalho, a escola ou a faculdade, para deixar a criança na creche ou limpar a calçada com uma vassoura. Das janelas observa-se as atividades cotidianas que aos poucos iniciam no prédio e na vizinhança.

Do janelão da varanda, por exemplo, tem-se vista para um conjunto de prédios de quatro andares, alguns recém-pintados e outros com a coloração desgastada, apresentando incidência de lodo no concreto devido aos períodos de chuva. Pelas janelas abertas transcorre a vida cotidiana familiar, visível à vizinhança, e a paisagem é complementada pelo acesso visual ao pátio dos residenciais, onde crianças brincam, moradores se encontram e atividades físicas são realizadas. Além de contemplar um pedaço da via pública, com uma árvore de tamarindo fornecendo uma bela sombra em dias ensolarados, cujas folhagens guardam os motoristas de aplicativo e os pedestres, que param para apreciar a interceptação da luz solar pelos galhos enquanto aguardam a próxima corrida, colhem frutos da árvore ou fumam alguma substância.

A paisagem brevemente relatada facilmente remete ao ambiente de “Janela Indiscreta”, filme dirigido por Alfred Hitchcock, que retrata o confinamento do fotógrafo Jeff em sua casa devido a uma perna quebrada. A semelhança com o filme ocorre pela composição do cenário, um conjunto de prédios cujas janelas são voltadas para um pequeno jardim ao centro, de modo que cada janela tem visão das demais, onde é possível acompanhar o cotidiano dos vizinhos e, conseqüentemente, ter sua vida acompanhada pelos outros. É este jogo de observação que interessa aqui, as nuances entre as instâncias do público e do privado, a produção de uma intimidade forçada e a estratégia de desatenção civil (Goffman, 2010), pensados a partir da experiência de moradia em um prédio popular no bairro de Mangabeira, zona sul da cidade de João Pessoa, Paraíba.

A reflexão é construída com base na experiência etnográfica de um ano e cinco meses de moradia (de setembro de 2022 a fevereiro de 2024) no prédio X2 da Rua Sem Nome (S/N)¹, produzindo um trabalho de escuta, observação e análise das situações no e a partir do prédio. É considerada uma experiência etnográfica por desfrutar de um período de vivência no residencial, cuja singularidade para o acompanhamento da vida corriqueira em outros prédios atentou o olhar da pesquisadora, devido à proximidade física e à disposição idêntica dos cômodos nos diversos prédios que constituem o setor VII do bairro, permitindo acessar visualmente a dimensão privada e pessoal da vizinhança, que contempla a intimidade e o doméstico.

A discussão aborda a dinâmica no prédio através da rotina como moradora, acompanhando a prática e os códigos internos na relação com os vizinhos, aqueles que residem no mesmo prédio. Bem como a relação com a paisagem, que é parte constitutiva do recorte analítico: os prédios ao redor e a Rua S/N, apreendidos enquanto vizinhança, aqueles que residem nas proximidades e com quem se constrói um reconhecimento pela amíúde dos encontros na rua ou das observações pela janela, distinguindo quem mora na localidade e quem frequenta a rua com fins de passagem ou de pequena estada.

Como a moradia condiciona a reflexão etnográfica proposta, atenta-se para as nuances relacionais observadas e analisadas a partir de um olhar e ouvir atentos (Cardoso de Oliveira, 1996), da participação no cotidiano do prédio e do acesso à rotina do bairro, com ênfase para a rua e a vizinhança compartilhada. É um exercício inspirado na proposta de observar o familiar, discutida por Gilberto Velho (1978), valendo-se de situações de proximidade e familiaridade para praticar o distanciamento e o estranhamento, com a janela como um dos principais elementos no acompanhamento da vizinhança e, conseqüentemente, da vida cotidiana em um prédio popular:

1 Os nomes relativos aos prédios, a rua e aos moradores são fictícios, com o intuito de resguardar o anonimato dos sujeitos e de seus locais de moradia.

O bairro e o prédio

O estudo da alteridade próxima, com a pesquisa na cidade, é caro ao desenvolvimento da antropologia urbana no Brasil, com a abordagem dos fenômenos e das formas de sociabilidades cidadinas (Peirano, 1999). A reflexão recai sobre a cidade, o bairro ou a rua em que o antropólogo se insere, assim como sobre o grupo que lhe é próximo ou distante, complexificando a discussão sobre as distâncias sociais e espaciais. Gilberto Velho realizou trabalhos de referência nesta direção (1978, 1989 e 1998), como *A utopia urbana*, onde analisa a vivência dos moradores de um prédio de apartamentos no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. É inspirador por apresentar um universo no qual o pesquisador está inserido como morador, assim como o presente caso.

Um prédio é o locus privilegiado da reflexão; no entanto, as pretensões são distintas. Aqui a proposta é trabalhar uma experiência etnográfica, as situações cotidianas produzidas na interação com outros moradores ou na observação da vizinhança, sem um aprofundamento das visões de mundo e dos estilos de vida dos sujeitos em interação. É uma reflexão micro, mas que se conecta com aspectos gerais do bairro e da cidade, de um tipo de urbanidade que singulariza a vivência no prédio e que ocasionou estranhamento, levando a observação das situações e interações. Assim, para compreender a característica do residencial e do bairro em que se localiza, uma contextualização se faz necessária para situar o leitor.

O prédio X2 localiza-se em um conjunto de residenciais que iniciou a construção do setor VII de Mangabeira, um bairro popular e populoso na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, que possui subdivisões relativas ao seu processo de fundação e desenvolvimento², encetado na década de 1980 pela política de edificação de conjuntos habitacionais (Lavieri & Lavieri, 1999), importante no crescimento da malha urbana. O bairro, cujo projeto denominava-se Conjunto Residencial Tarcísio de Miranda Burity³, foi planejado com o objetivo de solucionar o déficit habitacional na cidade (Negrão, 2012), que se intensificou nos anos de 1970 com as levas de migrantes recém-chegados à capital, advindos principalmente do interior do estado.

O déficit acometia as populações de baixa renda, a pobreza sem casa que se fixou na cidade a partir dos espaços ermos, dando início ou intensificando as ocupações de comunidades (Pontes, 2023), ou das fronteiras dos bairros populares, alugando casas em vilas ou construindo nos fundos do terreno cedido por um familiar/amigo (Koury, 2018).

2 As subdivisões sistematizam o bairro em oito conjuntos: Mangabeira I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII, este último também conhecido como cidade verde. Estas subdivisões acompanham a construção dos conjuntos habitacionais, sendo edificado em setores que compõem a totalidade do bairro.

3 Governador do Estado da Paraíba no período de finalização do projeto residencial, em 1979.

A expansão urbana de João Pessoa buscava também solucionar esse déficit habitacional na cidade, com a criação das zonas leste, em direção à orla marítima, e sul, até então mais distante do centro. Em direção ao leste foram concentradas as camadas mais abastadas da população, enquanto que ao sul os conjuntos residenciais eram destinados às camadas médias baixas e baixas.

A zona sul teve sua edificação a partir dos anos 70, mas é durante os anos de 1980 que o conjunto Burity teve início, com financiamento do Banco Nacional de Habitação (BNH), incorporado ao Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e ao Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais (Inocoop) – órgãos do Governo Federal – bem como à Companhia Estadual de Habitação (Cehap) – coordenada pelo Governo Estadual. A política empreendida através desses órgãos objetivava construir habitações de interesse social e fomentar o financiamento do imóvel (Nunes, 2017) sendo responsável por edificar os conjuntos que vieram a se tornar bairros, entre eles o Mangabeira.

O bairro foi construído por etapas e abrangeu o terreno da Fazenda Mangabeira, além de um pequeno pedaço da Fazenda Cuiá (Oliveira, 2006), localizando-se na região mais periférica devido à pouca infraestrutura, à deficiência do transporte público, a longa distância do centro da cidade e da orla marítima, que estava em ocupação na zona leste. A construção do Conjunto Burity buscou alocar camadas de baixa renda e pobres, com setores voltados para a doação, como o VI, cujas casas foram sorteadas entre usuários cadastrados na Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP).

Esses usuários estavam, geralmente, situados em ocupações irregulares no centro da cidade, e foram realocados para o novo conjunto⁴. Como contam os antigos moradores do prédio, o setor VI foi composto por casas pequenas de quatro cômodos. Enquanto o VII teve sua constituição inicial com prédios residenciais para financiamento, sendo destinados a pessoas de baixa renda. Os setores do Conjunto Burity possuem suas particularidades arquitetônicas, variando desde pequenas casas de pavimento único (II, IV e VI), passando pelas casas geminadas (I), as casas duplex conjugadas (III) e os prédios residenciais (VII).

O agrupamento desses setores é o que constitui o bairro de Mangabeira, que recebeu essa categoria em 1998, com a implantação do projeto de Lei nº 1574, que transformou os conjuntos habitacionais em bairros. Atualmente, os setores são entendidos

4 Lavieri e Lavieri (1999) apontam que o processo de evolução da malha urbana da capital paraibana contou com o remanejamento de populações das bordas dos bairros centrais e das ocupações consideradas irregulares por se formarem em áreas de risco ambiental – como mangues, margens de rio, proximidades de encostas, áreas de preservação, contornos de BRs e beiras de linha férreas – e fora do planejamento urbano. A transferência da população que habitava às margens da cidade ordenada visava, sobretudo, higienizar os bairros centrais e produzir um espaço periférico para assentar esses sujeitos, seja por meio da remoção e remanejamento com a concessão de casas ou, principalmente, pelo financiamento dos imóveis para aqueles de menor renda, formando espaços nobres e periféricos na cidade (Koury, 2018).

como subdivisões, seguindo a lógica da construção por etapas, e o VII teve sua produção na década de 1990. Foi o único planejado e construído como um conjunto de prédios residenciais com os blocos de apartamentos de quatro unidades habitacionais por andar, totalizando dezesseis unidades, e um pátio amplo que divide espaço com as vagas de garagem, como ilustra a figura abaixo.



Figura 01. Conjunto de prédios residenciais que fundou o Mangabeira VII, em 1991.
Fonte: CEHAP 2011, imagem coletada por Negrão (2012).

As habitações foram financiadas pela Cehap, alocando dezesseis famílias por prédio, que compartilham não apenas a rua com os vizinhos, mas também o residencial. Inicialmente destinado a populações de baixa renda, os prédios contam com moradores da classe média baixa e média, com residência fixa ou rotativa, considerando os comuns anúncios de “aluga-se” colados nas janelas dos apartamentos à disposição. Os prédios não possuem nome; a denominação é sistematizada com base em uma letra e um número, organizados em ordem crescente entre os residenciais que ocupam a mesma quadra. O X2, por exemplo, recebe tal denominação por ser o segundo prédio de três, situado na fileira à nascente da quadra, enquanto a fileira ao poente é composta por outros três prédios que recebem a letra Y, do 1 ao 3.

É um setor que está passando por uma valorização imobiliária nos últimos anos, após a implantação do Shopping Mangabeira em 2014, localizado na Avenida Hilton Souto Maior, atraindo mais comércio, transeuntes e moradores. Essa valorização pode ser percebida no aumento dos valores de aluguel dos apartamentos, que passaram de cerca de 400-500 reais mensais para uma faixa de 700-900 reais quanto mais próximos estiverem

do shopping⁵. Há uma melhoria nos serviços e equipamentos urbanos, com a reforma da Unidade Básica de Saúde (UBS), a construção de uma praça pública, a pavimentação de vias, a recente requalificação da avenida que leva ao shopping e a edificação de novos prédios residenciais, esses últimos financiados pelo setor privado.

Outro elemento que contribui para a elevação dos preços dos aluguéis é a contiguidade com a principal do antigo Garrafão⁶, uma via de trânsito por onde passam as linhas de transporte coletivo que atendem os setores VI, VII e VIII, contemplando diversos estabelecimentos comerciais e proporcionando acesso a equipamentos públicos importantes no bairro e na cidade. Logo, residir nas imediações dessa via é prático para o morador e torna ágil o acesso a pontos de ônibus, a locais para consumo, entretenimento, alimentação ou saúde. Isso também representa uma possibilidade de estar bem localizado no bairro, o que resulta num aumento do custo de vida para conseguir desfrutar de condições básicas para residir minimamente confortável na cidade, e conseqüente fomenta um início do processo de gentrificação.

O prédio X2 localiza-se em uma dessas áreas, tornando possível ao morador acessar, com uma breve caminhada, de bicicleta ou de transporte automotivo, os serviços e equipamentos que constam nas imediações – igreja evangélica, centro espírita, praça pública, unidade de saúde pública, mercado, fiteiros⁷ e mercadinhos, restaurante, bares, padaria, sacolão, diversas lojas de lanches, de roupas e de assistência técnica, além de pontos de ônibus. É um prédio bem localizado, que conta com um apartamento, dos dezesseis, vazio no primeiro andar, com placa de venda. A disposição dos apartamentos é a mesma dos demais edifícios que constituem o conjunto residencial entregue em 1991, e a

5 Essa valorização imobiliária do setor VII nos últimos nove anos é experienciada pelos setores que se distribuem ao redor da Avenida Josefa Taveira, popularmente conhecida como a principal de Mangabeira. Uma área extremamente comercial, com alta circulação cotidiana de pessoas e transportes, cujos valores de aluguéis de unidades residenciais ou comerciais tendem a ser altos quando comparado a outros setores do bairro. Mangabeira desenvolveu seu próprio centro comercial e conta com delegacia, instâncias administrativas, áreas de lazer, agências bancárias e outros serviços urbanos que evitam o deslocamento do morador para outros bairros ou para o centro da cidade. Ver Silva (2014) para ampliar a discussão do bairro como um subcentro urbano.

6 “Principal por dentro” é o modo como os moradores e os motoristas dos ônibus coletivos se referem às ruas principais paralelas à Avenida Josefa Taveira, a principal do bairro que constitui um longo retão viário. Há duas principais por dentro: a do antigo Caic – colégio desativado próximo ao girador do setor III – e a do antigo garrafão – do girador que leva ao setor VII e VI. O antigo garrafão, que atualmente não existir mais, era uma enorme garrafa com a propaganda de uma marca de cachaça, que se tornou ponto de referência.

7 Pequenos estabelecimentos comerciais, geralmente informais, para a venda de produtos variados de conveniência e alimentação, em pequenas quantidades e com preços acessíveis. Fiteiros são comuns nos bairros populares da cidade de João Pessoa, sendo uma alternativa para evitar deslocamentos até um supermercado e fornecendo renda extra seus proprietários, que geralmente utilizam um cômodo da casa para a montagem do estabelecimento.

pintura está bastante desgastada nas laterais leste e sul, em posição nascente, que costuma receber os pingos de chuva diretamente no revestimento, ocasionando o descascamento de tinta e acúmulo de lodo devido aos anos sem retoque.

As laterais norte e oeste, por sua vez, mantêm a pintura relativamente preservada, com pequenos vestígios de lodo nas bordas que levam ao teto da edificação. Uma condição comum na maioria dos prédios que compõem o conjunto habitacional do setor, uma vez que a pintura não ocorre de maneira periódica e é de responsabilidade dos moradores proprietários que compõem o condomínio. A arquitetura e o pátio para garagem, de uso coletivo, são mais uma similaridade compartilhada pelos prédios.

O projeto dos apartamentos conta com uma cozinha e uma área de serviço acoplada, uma sala, uma varanda, um banheiro social e dois quartos, cada um com uma janela. Apesar de conter os mesmos cômodos, os apartamentos não são todos iguais, visto que alguns já passaram por reformas ao longo dos anos, seja ampliando a sala ao desfazer a parede que a separa da varanda, modificando a entrada da cozinha ou remodelando determinado compartimento. A princípio, cada prédio conta com plantas originalmente iguais, de modo que as unidades residenciais com frente ao norte possuem a mesma disposição de cômodos, assim como aquelas com frente ao sul.

O apartamento em que resido, de numeração 301, no segundo andar, mantém o arranjo original da planta, com o acesso da cozinha em frente à porta de entrada, de modo que deixar a porta aberta permite ao morador ou visitante que passar pelo segundo andar visualizar a cozinha e uma pequena parte da sala. A parede separando sala e varanda permanece e ainda contém os quadradinhos vazados⁸ abaixo do janelão para possibilitar a circulação do ar, proporcionando um ambiente arejado, mas que permite ao outro a visualização do que acontece na varanda, pois a meia parede vazada é composta por um janelão de vidro transparente e não encobre o cômodo. A maioria dos apartamentos no X2 e nos prédios vizinhos fecharam os quadrados vazados da varanda, não possibilitando ao outro visualizar mais do que o janelão permite, quando este não possui película fumê no vidro.

O que diferencia o apartamento 301 da planta original é a instalação de cerâmicas na parede da cozinha, a acomodação de um janelão na área de serviço e outro na varanda. Ademais, os cômodos e a cerâmica do chão se mantêm intactos. É relativamente arejado, sendo necessário permanecer com as janelas abertas para garantir uma boa circulação do ar, que em contrapartida promove maior acesso visual à vizinhança ao que ocorre

8 Semelhante a um cobogó, um tijolo vazado que permite a divisória de cômodos mantendo iluminação e ventilação ambiente. Os quadradinhos vazados na varanda, no entanto, não são tijolos, e sim moldados no próprio concreto durante a construção.

no interior do apartamento. Ao conservar a planta, torna-se possível ao outro visualizar abertamente a varanda, mas não a sala devido a parede que separa os dois cômodos. Os quartos, no entanto, podem ser captados pelas janelas, principalmente durante a noite quando as luzes estão acesas e a visualização se torna melhor.

Na varanda há uma rede, um varal de chão e duas caixinhas de transporte para gatos. É o ambiente mais ventilado e onde permaneço algum tempo do dia e da noite contemplando o jardim do prédio, acompanhando os gatinhos no pátio e observando a rua e as situações na vizinhança dos prédios ao redor, como as brincadeiras das crianças, as caminhadas dos moradores idosos, o passeio com os cachorros de estimação, a limpeza das áreas comuns pelas mulheres, os encontros de alguns vizinhos e as ranhuras nas relações de vizinhança com eventuais desentendimentos. Um dos prédios privilegiados para observar o cotidiano é o X3, localizado ao lado, com a possibilidade de visualizar a metade do pátio, as garagens e alguns apartamentos.

A notável circunstância de mirar e reparar a rua e o prédio vizinho é configurada pela posição do apartamento no segundo andar, uma altura suficiente para acompanhar as situações cotidianas à vista, desde a via pública, o pátio e os cômodos do térreo até o terceiro andar. A disposição dos apartamentos no X2, entretanto, não permite que um vizinho de andar tenha acesso visual ao apartamento do outro, seja pelas janelas dos quartos ou pela varanda/sala alongada⁹, com o contato ocorrendo no ambiente social do andar, nas escadarias, no pátio ou na garagem. O mesmo não ocorre entre a vizinhança dos prédios devido à posição dos apartamentos. Aqueles com frente ao sul, caso em que se encontra o 301, possuem acesso visual aos demais apartamentos do prédio X3 com frente ao norte.

Essa disposição arquitetônica possibilita diferentes formas de experienciar os vizinhos e a vizinhança, mantendo uma relação de proximidade física, trocas de cumprimentos e conversas com os vizinhos do prédio, bem como uma relação de copresença continuada por intermédio visual com a vizinhança. É esse jogo que permeia a experiência de morar em um prédio popular no setor VII de Mangabeira, em condição de situações indiscretas e cujo uso da desatenção civil permite esquivar-se de constrangimentos e incômodos.

9 Termo que será utilizado para se referir às salas que apreendem a varanda devido uma reforma para ampliar o primeiro cômodo, assim não há mais uma varanda no apartamento, mas uma sala ampliada com a presença de um janelão. No caso dos apartamentos no térreo que passaram pela mesma reforma, geralmente percebe-se a retirada do janelão e a alocação de uma porta ampla ou de uma porta e uma janela, permitindo uma nova entrada ao imóvel com a dissolução da antiga varanda.

O bairro e as relações pessoais são habituais em minha vivência na cidade, residindo durante nove anos, entre os treze de estadia na capital, em Mangabeira, no setor VI. Os últimos dois anos, de fins de 2022 a 2024, situaram a experiência de moradia no VII, no prédio X2, de modo que as interações com vínculos estreitos nas quais fui inserida e participo foram apreendidas de maneira natural, sem maiores estranhamentos quanto às trocas relacionais devido ao costume com a personalidade, sem muito espaço para o anonimato pela predominância da fluidez entre os âmbitos do público e do privado, por ser nascida e sociabilizada em uma cidade pequena, onde a forma de sociabilidade é pessoalizada.

A lógica do conhecimento mútuo sobre as pessoas e as situações, e, conseqüentemente, o controle para manter uma ordem configurada por códigos morais específicos não causou o estranhamento que levou ao exercício de distanciamento para refletir sobre a vivência a partir do X2. Esta circunstância é familiar pela bagagem relacional continuamente fabricada desde a cidade de origem, no interior da Paraíba, com o estranhamento se constituindo na vivência da vizinhança pelas janelas do apartamento, flagrando e sendo flagrada pelos outros em contexto de intimidade próprio ao âmbito do privado, do doméstico.

O impacto de perceber a composição de um cenário propício a uma espécie de intimidade forçada, por possibilitar ao outro, não pertencente ao doméstico e privado, acompanhar situações íntimas do grupo familiar. Essa intimidade forçada por uma copresença continuada fomentou o estranhamento e levou à consideração das minúcias dessa vivência da vizinhança, do que pode ser observado, das estratégias de evitação, das nuances na atuação ao ser flagrado observando, do jogo com a atenção e desatenção à vida do outro. Assim, desse estranhamento surge o exercício de distanciamento para se atentar ao modo como se configura a vivência em um prédio popular.

Não somente a vizinhança, como também as trocas relacionais no prédio são consideradas com atenção, praticando um olhar e ouvir sensível às situações, como ensina Cardoso de Oliveira (1996), e considerando a assertiva de Velho ao indicar que o familiar não necessariamente é conhecido, problematizando o que foi visto, escutado e praticado. Foi, portanto, um exercício de conhecer a dinâmica local ao buscar transformar o familiar em estranho para refletir sobre ele, num movimento de aproximação e distanciamento constante. Morar no local onde a análise é desenvolvida pode facilitar cair na armadilha da naturalização das situações, logo, o treinamento do olhar e do ouvir, bem como a constante busca pelo estranhamento das situações cotidianas foram elementares para refletir sobre a dinâmica vivenciada.

Não conhecia o prédio X2 antes de mudar para o apartamento 301, mas estava habituada com o conjunto de residenciais do setor VII por transitar cotidianamente pelo local no deslocamento para sair e entrar no setor VI do bairro. As relações pessoais são familiares, mas somente até aí; não conhecia a dinâmica do residencial, a disposição da arquitetura interna e os seus moradores, construindo estratégias para o exercício de estranhar o familiar exercitando o olhar e o ouvir sensível ao outro e às suas ações, elaborando diários de campo sobre as situações corriqueiras presenciadas, desenhando croquis do prédio e retomando bibliografias que abordam a construção do setor VII e do conjunto habitacional, a questão da personalidade e a observação do familiar.

Nesse percurso de refletir sobre o que é experienciado a partir do X2, com o registro das situações, a discussão foi elaborada considerando o processo de identificação e inserção na dinâmica local. A produção de uma relação de vizinhança com os moradores do residencial, entendendo os códigos de conduta que configuram o ditame da convivência, é por onde a reflexão segue nesse segundo momento.

A personalidade: dinâmica relacional no X2

A dinâmica no prédio X2 é percebida nas relações cotidianas, o que requer um período de convivência e observação, mas que pode ser inicialmente captada com base nos primeiros contatos com os vizinhos, como no dia da mudança para o novo imóvel, em 7 de setembro de 2022. No processo de transportar os móveis e as caixas para o apartamento 301, encontramos¹⁰ alguns vizinhos simpáticos, como uma das moradoras com quem compartilhamos o segundo andar, a Luciana¹¹, que desprendeu certo tempo nas escadas conversando com e sobre os novos inquilinos, transpassando aspectos da convivência e do conhecimento mútuo entre moradores e alertando, furtivamente, sobre os preceitos de conduta esperados para um bom vizinho.

Na situação, foram passadas referências sobre os moradores, em sua maioria proprietários de longa data que chegaram ao residencial no ano de sua inauguração ou posteriormente, com a compra do imóvel. Estes possuem uma média de 10 anos de moradia e convivência e compartilham uma rede de informações e conhecimento mútuo, própria das relações duradouras e pautadas na personalidade (Prado, 1998). Informações de onde e quando encontrar ou evitar certos moradores sugerem o conhecimento sobre a rotina e os vizinhos, buscando incluir os novos inquilinos na rede de referência,

10 A colocação é feita no plural por ocupar o apartamento junto com meu companheiro, com quem experienciei muito dos encontros com os vizinhos no prédio, seja nas escadas, no pátio ou nas reuniões de condomínio. Sempre que a colocação aparece no plural se refere às interações em que estou acompanhada não somente dos vizinhos, mas também desse companheiro.

11 Os nomes utilizados são meramente fictícios para resguardar o anonimato dos moradores.

como, por exemplo, instruíram onde encontrar a síndica do condomínio, a Dona Glória, no apartamento de número tal, no primeiro andar, em qualquer horário do dia, pois a professora aposentada passa a maior parte do tempo na residência que compartilha com o filho. Também alertaram para não preocupar com as abordagens do senhor do térreo, Seu Alberto, para solicitar favores na compra de bebida alcoólica, episódio indicado como frequente devido a sua condição de alcoólatra.

A função desempenhada pelo morador no condomínio, a especificação dos nomes, dos apartamentos e andares, e até os problemas de saúde dos vizinhos são repassados na primeira conversa e demonstram o resultado de relações duradouras e estreitas, envolvidas em uma rede de auxílio mútuo, de reciprocidade, solidariedade e conflitos. Além das informações sobre os demais moradores, Luciana nos disponibilizou o acesso a sua rede Wi-fi de internet enquanto a nossa não era estabelecida e realizou uma série de perguntas sobre o novo casal de inquilinos que se instalava no apartamento cuja porta é em frente a sua, de modo a averiguar elementos que permitissem traçar um esboço do perfil dos novos vizinhos para incluí-los à rede de referências.

Nomes, profissões, endereço anterior e os dois felinos que criamos foram os assuntos abordados durante a conversa, e a senha do Wi-fi oferecida foi rotineiramente retribuída com os interfones da filha de Luciana, pedindo para abrir o portão de pedestres. Esses pedidos tornaram-se comuns ainda no primeiro mês de moradia. Durante todos os dias úteis da semana e por volta das 12 horas, o interfone tocava e a fala era a mesma: “É a Laura, pode abrir o portão?”. Não era preciso muita justificativa do porquê – se esqueceu a chave, se não tem ninguém em casa ou algo parecido –, informar que era a filha de Luciana, e que precisava entrar era o suficiente para sinalizar sua posição de moradora do prédio, vizinha de porta.

É a condição de pessoa, identificada e localizada, que rege as relações no X2, sendo esta lógica o que se denomina de pessoalidade. Mesmo sem ainda ter uma conversa que passasse dos cumprimentos com Laura, desde o primeiro encontro com a Luciana já sabíamos que ela era filha da vizinha, estava no último ano do ensino médio e estudava no turno da manhã. Chegava em casa no horário em que os pais estavam trabalhando fora e suponho que, pela frequência com que pedia a abertura do portão, provavelmente não possuía o controle que o abria. É nesse sentido que se conforma o que chamo de quadro de referências sobre os moradores, que estão situados a partir da numeração dos apartamentos, nomes, profissões, emprego, grupo familiar, animais de estimação, tipo de transporte e até horários de entrada, permanência e saída no prédio, tornando-os conhecidos e reconhecidos entre os que compartilham o residencial.

Roseane Prado (1998) considera que a personalidade reflete as relações pessoais, isto é, em que a maioria dos sujeitos que compartilham um dado lugar e produzem e exercitam uma forma de sociabilidade, se conhecem e se reconhecem. É um tipo de envolvimento que detém relativa duração e permite trocas íntimas e recíprocas, compreendendo práticas de sociabilidade e, conseqüentemente, um saber sobre o outro com quem se mantém convivência. É dessa lógica de personalidade que a reflexão sobre o X2 se aproxima, identificando que não há espaço para o anonimato na dinâmica relacional do prédio; todos os moradores se conhecem e os acontecimentos no prédio ou na rua são rapidamente repassados nas conversas nas escadas, no pátio, na calçada ou pelo WhatsApp¹².

Ao que parece, a personalidade impera especialmente devido à porosidade da fronteira entre a dimensão do público e do privado, com o predomínio das relações interpessoais, e mesmo quando o morador prefere não participar ou pouco participar das trocas relacionais no X2, é incluído no acervo de informações, mas frequentemente é visto como um mau vizinho devido à indiferença, sendo apontado como soberbo. Os moradores proprietários, que estão há mais tempo no local, nutrem o quadro de referências de maneira mais acentuada, uma vez que compartilham do cotidiano de modo contínuo e duradouro.

Considero, assim, duas classificações de moradores: os proprietários que residem no prédio, mantêm relações interpessoais duradouras e contínuas, sendo os que dispõem de poder de decisão nas reuniões de condomínio; e os inquilinos, que compartilham da rotatividade, mas alguns poucos conservam certa permanência média de cinco anos e participam pouco das reuniões de condomínio. Há, ainda, o caso de uma família que reside em um apartamento cedido por um parente, assumindo as responsabilidades do imóvel como proprietário, e por isso, se aproximando da primeira classificação de moradores.

A classificação foi elaborada com o período de convivência na dinâmica do X2, nas trocas relacionais nos espaços coletivos do prédio e na participação em reuniões de condomínio, apesar de não gozar do poder de decisão por ser uma inquilina. Nesse sentido, acompanhava as discussões e tinha a possibilidade de dialogar com o locador do apartamento sobre suas decisões nas pautas levantadas, mas não foi exatamente o desejo de participar das decisões que me incitou a comparecer nas reuniões e, sim, de primeira, conhecer os demais moradores do prédio. No entanto, os conflitos que surgiram de imediato se mostraram interessantes e me impulsionaram a acompanhar outros encontros.

12 Aplicativo de troca de mensagens textuais e audiovisuais que permite a realização de ligações de voz e de vídeo. É utilizado, principalmente, em aparelhos smartphone e necessita de conexão com a internet, operando com um número telefônico.

Além do empíreo que a pessoalidade proporciona — como a segurança de estar entre conhecidos, o desafogo dos auxílios mútuos e o fomento de uma relação afetiva, há também o outro lado da moeda que foi inicialmente percebido nas reuniões de condomínio, como os conflitos advindos da administração de um ambiente de convivência coletiva, com questões básicas de manutenção no prédio, e, sobretudo, as ranhuras relacionais por causa das queixas de má conduta. Assemelha-se ao sentido discutido por Prado (1998, p. 53), ao abordar o paraíso e o inferno da pessoalidade, ou seja, “as delícias do reconhecimento e as agruras do controle social”, o desconforto de precisar lidar com o outro com quem compartilha um vínculo estreito de convívio.

Conflitos e disputas sobre a renovação da pintura do prédio, os atrasos no pagamento da taxa de condomínio, o descarte correto do lixo, a manutenção do portão fechado e os felinos criados nos espaços coletivos permearam algumas discussões presenciadas nas reuniões. As pautas sugeridas advêm de situações corriqueiras que se tornam queixas por impactar, de alguma forma, as relações cotidianas e nos cuidados com os espaços coletivos e a propriedade privada de cada apartamento. O descarte correto do lixo, por exemplo, é frequentemente debatido, mas até o momento não foi solucionado, sendo comum encontrar sacolas de lixo na porta de apartamentos, ocasionando mau odor ou escorrendo chorume.

Quando não fica ao pé da porta, o descarte inadequado ocorre devido à má vedação das sacolas, que ocasiona pingos de chorume nas escadas, marcando os degraus e espalhando mau odor. Um dos vizinhos do segundo andar, cuja porta fica ao lado da minha, eventualmente deixa suas sacolas de lixo entre a divisão de nossas portas. Mesmo estando há mais de um ano no X2, com a situação tendo sido pauta de reunião, a recorrência permanece. O confronto direto entre moradores, – aquele que ocasiona alguma situação de queixa e o que se sente afetado – parece ser desencorajado considerando as formas como a situação decorre, frequentemente com o intermédio da síndica para tentar uma resolução.

O conflito foi identificado de forma latente; existe na dinâmica do X2, mas encoberto por uma tentativa de evitar indisposições diretas com o outro, por exemplo, as queixas são veladas, tanto minhas como dos demais vizinhos em relação à situação. De modo particular, a síndica é procurada para informar o desagrado com o caso, ela se dispõe a conversar com o morador apontado como causador da reclamação para buscar solução. A reclamação “pública”, por sua vez, ocorre em forma de avisos em cartazes colados na recepção e paredes dos andares e de pedidos de descarte correto via mensagens em WhatsApp encaminhadas pela síndica, com indicativos de advertências caso a situação não mude, com o pagamento de multa.

É comum o conhecimento sobre quem não realiza o descarte correto do lixo, é uma situação anterior à nossa chegada ao prédio e sem resolução aparente, uma vez que se preza pela boa convivência entre os vizinhos, que buscam resolver o problema de forma velada, sem chegar diretamente na família para reclamar ou exigir a prática correta. Provavelmente, essa posição dos vizinhos em relação a essa família de moradores acontece devido ao tempo de convívio, mais de sete anos, e por ser a “única” queixa em relação a eles, como comentou Dona Glória.

“Você tem sorte com seus vizinhos”, disse a síndica em uma de nossas conversas no pátio. São prestativos, confiáveis e tranquilos, não fosse o “pequeno defeito” do descarte do lixo. Mesmo com o defeito apontado, sugere que não tenho do que reclamar, apesar do lixo próximo à minha porta atrair baratas, que passam pela fresta e são comumente encontradas e mortas pelos gatos. De todo modo, prefiro não me indispor e seguir a dinâmica local, deixando a reclamação para que a síndica tome ciência e resolva, já que o problema afeta a limpeza do ambiente. Novamente, recorre-se aos avisos e críticas veladas, que, mesmo sendo provavelmente percebidas, são ignoradas na maioria das vezes.

O conflito em torno do descarte de lixo decorre da frustração pelo descaso daqueles que são alvo das queixas, que não se importam o suficiente e continuam depositando sacolas plásticas com lixo na lateral da porta, bem como pela compassividade da síndica para a resolução da situação. Nesta direção, o sentido de conflito trabalhado aqui se refere à divergência de ideias ou ações que gera desavença, lamentação, confusão, confronto e hesitação, bem como estratégias, para lidar com a conflagração por meio de dissimulação, intermédio, evitação e ironia. No prédio X2 o conflito se configura principalmente com ações de lamentação e hesitação, com uso do intermédio e aparência para lidar com a situação.

Os moradores do prédio preferem manter o jogo das reclamações veladas e intermediadas, reclamar do outro e não com o outro se sobressai nos modos como os conflitos são geridos. Essa circunstância, assim como outras em que o conflito não ganha uma resolução, pode ser refletida mediante a estratégia da prática de stand-off na interação, que Erving Goffman (2012) indica como o ato de se reservar como forma de não agravar o conflito. É o jogo de cintura que os moradores empenham ao acionar síndica como intermediadora, mantendo relações cordiais na interação com aqueles apontados ou compreendidos como causadores do desagrado, uma estratégia para não “perder a face”.

Ao reservar-se ou silenciar-se publicamente, exercendo o stand-off, sem que nenhum compromisso entre as partes ser alcançado, os moradores estão tentando

preservar a própria imagem e a do outro, de modo a garantir a manutenção das faces em interação. Goffman considera que o indivíduo carrega uma face, um valor social visto como positivo que é requisitado em interação, acionando noções como cortesia, discrição, escusa e demais maneiras de agir nas trocas relacionais. É um jogo de cintura que requer ao sujeito um domínio dos códigos morais e de conduta que configuram a dinâmica na qual participa.

Esta lógica da preservação da face e da estratégia de stand-off podem ser acionadas para refletir sobre as relações produzidas e mantidas no X2, com a polidez se destacando na maioria das situações observadas e participadas. Manter as queixas veladas é uma forma de evitar rupturas interacionais, manter as relações pessoalizadas e preservar a face de cada morador, com a complacência – pelo prolongamento da situação-queixa – e a dissimulação – com os comentários e as reclamações a terceiros – fomentando a manutenção da boa convivência entre os moradores, fruto de relações sempre tensas. Outras situações podem ser acionadas para ponderação sob essa ótica compreensiva, ressaltando a predileção por conflitos que geram embates indiretos.

É o caso de outro morador do segundo andar que detesta o fato de alimentarmos os gatos soltos nos espaços coletivos, especificamente no pátio e nas garagens dos apartamentos 304, 303 e 302, onde costumam ficar. Nunca recebemos reclamações por parte desse vizinho, nem desconfiávamos que a falta de respostas às nossas saudações se devia à essa circunstância, mas ao saber por Luciana que ele a havia criticado por colocar ração e água para os gatos, ligamos os pontos acerca da sua antipatia. Vale ressaltar que o desgosto quanto a esses animais ocorre porque eles usam o estofado da moto para afiar as unhas, o arranhando no processo.

Além desse vizinho do segundo andar, a síndica e outros moradores têm queixas quanto aos gatos, que frequentemente são pauta nas reuniões de condomínio. Esses animais também são anteriores a nossa chegada. Uma antiga moradora do terceiro andar cuidava das crias de uma gatinha abandonada nas redondezas, então os gatos foram aumentando com o tempo e se acomodando nas dependências do prédio. Quando a moradora se mudou, houve a esperança que levasse os gatos, mas alguns ainda permaneceram e ela continua vindo diariamente para colocar ração, trocar a água e limpar as fezes, gerando revolta entre os moradores que se sentem prejudicados, de alguma forma, pelos gatos.

Juntamente com Luciana, auxiliamos nos cuidados com a alimentação desses bichinhos, fazendo a reposição de ração e água, que eventualmente é derramada dos potes. As queixas chegam a nós de maneira velada, por meio do comentário da convocação de reunião para discutir o “problema” dos gatos, a reclamação de que Cássia – antiga

moradora – deveria se responsabilizar por levar os gatos e as afirmações de prejuízos econômicos porque os animais deterioraram estofados de moto e pneus de carro e moto. Até Luciana ser criticada por seu vizinho de andar, que ao vê-la renovando a ração bronqueou, alegando que os gatos não saíam do prédio porque tem quem os alimentem.

Ameaças de resolução forçada, como a remoção dos gatos do X2, são evitadas por Cássia através da advertência de expor a situação nas redes sociais e reclamar maus tratos junto aos órgãos responsáveis. O conflito, assim, permanece no âmbito das queixas e reclamações quanto aos vizinhos, com as críticas à antiga moradora pela permanência dos animais no prédio e discordância com os moradores que alimentam os gatos. Além dos embates diretos com bate-boca entre a síndica e Cássia, que tem horário fixo de chegar ao prédio para limpar e repor os potes com ração e água. A síndica, às vezes, costuma esperá-la para reclamar e exigir a resolução da situação, o que resulta, geralmente, em discussões que são ouvidas até do segundo andar.

O conflito entre a síndica Dona Cláudia e Cássia não é permeado pela dissimulação, intermédio ou evitação, mas pelo confronto, confusão e ironia, com um embate direto entre ambas em qualquer oportunidade de encontro que presenciei pela varanda do apartamento. A síndica é quem confronta diretamente a Cássia, apontada como a responsável pelo problema. Os vizinhos levam as queixas a ela e as comentam com outros moradores, criticando furtivamente aqueles que compactuam com a situação por auxiliar nos cuidados com a alimentação dos animais.

O tratamento ficou claramente diferente. Quando Cássia residia no X2, o conflito em relação aos gatos não passava por embates diretos, sendo que as reclamações eram tratadas em pautas nas reuniões de condomínio, como presenciei nos primeiros meses de moradia. Por volta do quinto mês no prédio, Cássia se mudou, alguns dos gatos ficaram e as discussões se tornaram diretas, não mais de maneira velada via reuniões. A ruptura na condição de moradora para não moradora parece ser fundamental na predileção de uma nova abordagem da situação-queixa, com confrontos acalorados e geralmente filmados pela própria síndica, com o celular em mãos apontando a câmara para a outra durante a discussão.

Parece não ter mais uma preocupação em tentar preservar a face do outro envolvido na interação – a Cássia –, a síndica aciona o confronto de bate-boca como modo de tentar uma resolução imediata e efetiva do problema com os gatos. O tratamento polido e as reclamações veladas são resguardadas aos moradores que ainda pertencem ao X2. Para esses cabe a amabilidade tensa, com o disse-me-disse pelos corredores e demais fontes de informações, como o WhatsApp, mas dificilmente o confronto direto que termina em confusão com gritaria e filmagens.

A chegada de uma nova moradora, Dona Marta, ao quarto andar, traz mais uma figura para o caso com os gatos e contribui para entender as diferentes formas de lidar com moradores e não moradores em situações conflituosas. Essa senhora começa ajudando a colocar ração, mas faz comentários para os outros moradores sobre uma possível displicência de Cássia nos cuidados com os animais. Algumas vezes ela veio ao 301 pedir um pouco de ração para gatos, alegando que a antiga moradora não estava vindo repor e os animais estavam com fome, por miar toda vez que passava por eles, além de falar da síndica, que “apesar de boa pessoa, não gosta dos bichinhos”. Soubemos posteriormente, com a Luciana, que o vai e vem de conversas ocorria não somente conosco, mas também com os demais moradores, falando de um e de outro.

Em relação ao demais moradores, as informações que circulavam como queixas ou alfinetadas veladas pela Dona Marta não passavam disso, de rumores e tentativas de depreciação, enquanto que com relação a Cássia, a senhora adotou uma postura mais combativa, como a que frequentemente observo ser praticada por Dona Cláudia. É comum observar ou saber sobre desentendimentos entre Dona Marta e Cássia, que acusou a primeira de colocar ração de cachorro, além de couro e pé de galinha para os animais, o que causou algumas discussões entre as duas no pátio. Ao chegar no prédio, Dona Marta comumente estava sentada próximo ao portão e as trocas de alfinetadas terminavam com bate boca.

O conflito que envolve os gatos é o mais duradouro e acalorado, no entanto, ações para tentar impedir Cássia de entrar no prédio, por não ser mais moradora, contando com assinaturas dos residentes para embasar o posicionamento, foram tomadas pela síndica como tentativa de colocar um ponto final na situação. Apesar de não ser requisitada para assinar, possivelmente porque se recorre aos proprietários para a tomada de decisões ou pela consideração de que compactuamos com a permanência dos animais pelos auxílios prestados, soubemos da ação por meio de Cássia, que mandou mensagem via WhatsApp comentando sobre mais uma briga.

A personalidade, portanto, também fomenta tensões e conflitos entre os moradores, pois está amparada em códigos morais que configuram as trocas intersubjetivas, determinando o que é aceitável ou não para um morador fazer e as maneiras de lidar com as situações problemáticas, buscando evitar ranhuras relacionais que levem a quebra da dinâmica local. Assim, como ser um bom morador no X2 e, conseqüentemente, um bom vizinho? É preciso se inserir na dinâmica relacional, conhecer e aderir aos códigos morais, como evitar constranger ou se colocar em situações de embaraço com outro morador, mesmo com queixas sobre certas atitudes. As formas de resolução geralmente são latentes,

com críticas dissimuladas e busca de apaziguamento, como no caso do descarte de lixo, do portão frequentemente deixado aberto e dos veículos estacionados fora das vagas de garagem.

Quando moradores comete erros recorrentes, mesmo que prejudique a limpeza e a higiene de espaços coletivos ou a segurança e controle de entrada e saída do prédio, com a frequente manutenção do portão aberto – mesmo com placas solicitando o fechamento –, as tentativas de resolução são harmônicas e há uma atitude de reconciliar partes envolvidas. Não somente a síndica, mas outros vizinhos trazem essa lógica de abrandamento e conciliação quando se aborda as reclamações sobre situações incômodas, como se buscassem manter uma harmonia que camufla os conflitos e as tensões. Cássia, no entanto, não tem o benefício do apaziguamento, por não ser mais moradora e, provavelmente, por afetar mais de uma família de moradores com queixas e reclamações sobre os animais, travando embates diretos.

O paraíso da personalidade, para citar a analogia de Prado, é reservado àqueles que residem e compartilham a dinâmica relacional local. A esses cabem a proximidade, a semelhança, a confiança, o respeito, a troca de informações e a reincidência, com tratamento conciliador para evitar ranhuras severas nas trocas intersubjetivas. Ao não morador convém a desconfiança, a dessemelhança, a repressão e o conflito direto, sem o receio de parecer indelicado e embaraçar o outro, uma vez que não mantém, e nem deseja, uma troca relacional que se pretenda duradoura. Ao invés de preservar, parece que a intenção é depreciar a face do outro não morador que é visto como causador de alguma desordem no prédio.

Não é somente de paraíso que imperam as relações de personalidade, o inferno se apresenta no controle social, na porosidade entre as dimensões do público e do privado e na fofoca devido ao conhecimento mútuo (Prado, 1998), por exemplo. Participar da dinâmica do X2 requer aderir, de alguma maneira, aos códigos relacionais personalizados para ser bem quisto por preservar a convivência harmoniosa e familiar do prédio, como costuma ser a narrativa nas reuniões de condomínio. Quando nos mudamos para o local, recebemos comentários furtivos nessa direção, sobre o que se espera dos vizinhos e como se comportar para a manutenção da dinâmica relacional.

Integrar-se à convivência com outros moradores, mas não de forma exagerada para não ser considerado intrometido, destinar tempo para saudações e conversas nos espaços coletivos, saber participar da fofoca ao abordar assuntos de maneira dissimulada, indiretamente e sem pré-julgamentos – tópicos que aparecem ao final da conversa e geralmente são abordados na tonalidade da surpresa. As queixas e reclamações sobre os

vizinhos seguem uma lógica semelhante: preza-se pelas conversas paralelas e veladas, antes de uma atitude de confronto. A linha entre ser receptivo e solidário ou intrometido e fofoqueiro é tênue, é preciso manejo para torna-se um bom vizinho, sempre solidário e não bisbilhoteiro, nunca indiferente.

Parece melhor para o vizinho ser considerado fofoqueiro do que indiferente à dinâmica relacional, uma pessoa estranha e apática, como o morador do terceiro andar, Márcio. No mesmo terceiro andar reside a Dona Marta, aposentada que mora com o filho e passa boa parte da tarde sentada no pátio conversando com quem passa, em ligação ou escutando música ao telefone. Além de nos trazer comentários depreciativos sobre Cássia, ela também já falou mal de outros moradores, essa é uma prática comum a esta nova moradora, que “vive de disse me disse”, como pontuou o vizinho do 303 em conversa ao pé da porta.

Luciana afirmou já ter ouvido comentários depreciativos sobre outros moradores feito por Dona Marta e disse não gostar dela devido essa prática, apesar de algumas de nossas conversas conterem comentários jocosos e depreciativos. O problema, ao que parece, não é fazer tais comentários, mas ser vista como uma pessoa que sempre os faz, em qualquer conversa tecida com outro morador. Mesmo assim, a nova moradora não causa mais incômodo que Márcio, que prefere não se integrar nas trocas relacionais, seja por indiferença, pela falta de tempo ocasionada pelo trabalho, que o deixa fora de casa durante todo o dia, ou pelo cansaço da rotina. Ele escolhe permanecer recolhido ao apartamento durante os finais de semana, pouco ocupando os espaços coletivos e participando das trocas relacionais.

Márcio não dá “trabalho” à vizinhança, pelo que soube nas conversas, nunca recebeu nenhuma reclamação por má conduta que interfira na limpeza do prédio ou na vida dos demais moradores. Não faz festa nem escuta som alto, não recebe visitas e não possui filhos ou animais de estimação que eventualmente possam perturbar o sossego devido os sons de corrida ou latidos e miados. É apenas uma pessoa que trabalha no comércio e vive sozinho, utiliza o apartamento principalmente para dormir, visto o pouco tempo diário que passa nele, e permanece em casa nos finais de semana. Seu maior problema, no entanto, é sua qualidade como morador, não dá trabalho nenhum, o que o torna uma pessoa apática à dinâmica relacional, pois opta por manter-se isolado e a não interagir com os vizinhos mesmo quando está em casa.

Dona Marta, não. Por participar das interações cotidianas, se integra à dinâmica local e pode ser alvo de queixas e tensões, mas o é porque ocorre as bem-quisitas trocas relacionais. Diferente de Márcio, que prefere não participar da boa vizinhança e se

manter indiferente. Mesmo assim, ainda é situado na condição de pessoa, identificado e localizado, dispondo de informações sobre ele, mas ressentindo-se pela sua escolha de não envolvimento na dinâmica do X2. Há, assim, um ressentimento pela apatia, a pouca importância dada as trocas relacionais, o que parece ser sentido pelo demais moradores como mais grave do que as más condutas de algum vizinho que se envolve na forma de sociabilidade local. Não dá para expulsá-lo do prédio por comportamento impróprio, como ocorreu com outro morador que perturbava o sossego com som em alto volume diariamente, já que Márcio “não dá trabalho”.

Nesse caso da expulsão, inclusive, soubemos no primeiro dia que chegamos ao X2, na conversa com Luciana durante a mudança, que furtivamente nos alertou da necessidade da boa vizinhança, para não ocorrer situações extremas como a expulsão. Não foi um aviso sutil, apesar do tom de brincadeira e das gargalhadas que seguiram com o alerta, mas foi furtivo por trazer a situação como quem não quer nada, depois de querer saber sobre o nosso antigo endereço e o motivo da mudança. Esta conversa na escadaria, que alertou para as relações estreitas tecidas no local, não apresenta uma intimidade forçada, já que há a escolha de não participar dessa dinâmica e ser um vizinho indiferente.

Mais vale um morador considerado intrometido ou fofoqueiro por extrapolar os códigos de conduta e não ter jogo de cintura para dosar o interesse em saber sobre a vida íntima do outro e focar atenção apenas em comentar sobre aspectos e situações, de alguma maneira, comprometedor da preservação da face do outro. Esse morador ao menos está ativamente inserido na forma de sociabilidade local, acionando e jogando com os elementos que configuram as trocas relacionais pessoalizadas, mesmo que não saiba ou não tenha interesse em dissimular para não parecer inconveniente. É alguém com quem é possível interagir de maneira estreita e continuada, que considera e mantém a lógica relacional do X2, diferente daquele que é morador, mas que não se importa em participar das interações.

Mais vale, pelas falas dos moradores com quem conversei durante esse período, alguém que considera relevante integrar a convivência de modo participativo, pois com esse é possível até produzir situações de conflito. Se envolver ou não com a dinâmica local permite diferentes maneiras de vivenciar o prédio X2, bem como a vizinhança, com quem se fabrica uma espécie de intimidade forçada, como considero a circunstância de compartilhamento do âmbito privado, doméstico, sem um consentimento prévio, apenas pela composição arquitetônica do conjunto residencial.

Uma intimidade forçada pode não acontecer no X2, já que apesar das eventuais conversas para saber sobre o outro e contribuir na produção de um quadro de referência,

identificando e localizando o morador na dinâmica local, a proximidade e intimidade é gradual. Não nos tornamos vizinhos íntimos de um dia ou mês para o outro, de recém moradores que ficam em observação quanto às adequações aos códigos morais e de conduta local fomos aos poucos ganhando a confiança dos demais, nas demonstrações cotidianas de participação, com saudações e trocas de favores corriqueiros e manutenção de uma boa conduta de não impactar na tranquilidade do prédio.

As trocas relacionais com os vizinhos do X2 ocorreram de maneira gradativa, cotidiana, mas a convivência com a vizinhança do prédio foi e é de uma copresença contínua intensa, gerando uma intimidade forçada. Fala-se, nesse sentido, de uma participação na dimensão privada e familiar do outro que reside nos prédios vizinhos, tomando ciência de situações da intimidade pelas janelas, por onde é possível observar o espaço privado do apartamento, que deveria resguardar as relações familiares, mas que fica à mostra para quem quiser olhar.

As janelas indiscretas

O contato com os vizinhos se dá nos espaços coletivos do X2, no interfone, no pé da porta – quando alguém bate para informar ou pedir algo –, na rua e no comércio local, mas também pela janela, quando estamos observando a rua da varanda ou do quarto, um morador passa pelo pátio e cumprimentos são trocados, seja em forma de palavras, num breve balançar de cabeça, ou sorrisos dados. Essas mesmas janelas são frequentemente usadas para vigiar quem entra e sai do prédio, uma vez que o portão de pedestres faz barulho ao ser usado, então é comum olhar para cima e avistar algumas cabeças nas janelas para saber quem está passando. Quando olhares são firmados ocorrem as saudações habituais.

Essa não é a intimidade forçada que mencionamos, pois não é possível visualizar o interior do apartamento do outro – com exceção daqueles que moram no térreo – de forma contínua. Para ver o interior do apartamento dos vizinhos do primeiro, segundo e terceiro andar, somente se a porta estiver aberta, o que é raro acontecer, com a ressalva do 302, já que todo começo de noite, Luciana deixa a porta aberta e a grade fechada para que seu cachorro possa ficar observando o andar – e latindo para quem passar. Uma vez dentro do apartamento, não se tem contato com os vizinhos. Nem mesmo ouvir conversa, pois o isolamento acústico entre as paredes é considerável – a menos que sejam gritos. Ouvimos apenas o som de um aparelho se o volume estiver alto e se o morador de cima arrastar algum móvel ou correr pelos cômodos.

Com a vizinhança não ocorre o mesmo, uma vez que o X2 está entre os prédios X1 e X3, os apartamentos em posição sul ficam a frente aos apartamentos em posição norte do X3, de modo que a disposição das varandas, salas alongadas, e janelas dos quartos são as mesmas. Da janela da cozinha tem-se vista para outras cozinhas dos prédios situados no quarteirão lateral, de modo que as janelas de qualquer cômodo podem ser apreendidas como indiscretas por permitir ao outro acompanhar situações da intimidade familiar, seja na cozinha, na sala ou nos quartos.



Figura 02. Residencial X3 visto do janelão da varanda do X2, no segundo andar.

Fonte: Registro realizado pela autora em fevereiro de 2024.

A indiscrição pelas janelas é ambígua, possibilita tanto acompanhar como ser acompanhada pela vizinhança e o jogo de olhares atentos, que se tornam observações, ou desatentos, em uma atitude de desatenção civil (Goffman, 2010), depende da situação presenciada. Esse jogo de olhares pode ser dificultado com estratégias de ocultação, como as cortinas e as películas fumê coladas nos vidros das janelas para dificultar a entrada de raios solares e a visualização livre dos cômodos pela vizinhança. Os moradores do X3 preferem o uso de cortinas, somente um apartamento no terceiro andar faz uso tanto da película quanto das cortinas nos quartos.

Nós também optamos pelo uso das cortinas nas janelas dos quartos, mas sua utilização é pouca durante o dia, pois ela também impede a circulação de ar, aquecendo demasiadamente o ambiente. Preferimos nos enredar no jogo de olhares e manter os cômodos com uma circulação de ar agradável, tendo que lidar, ocasionalmente, com

situações de constrangimento. É comum ver e ser visto em roupas íntimas, por exemplo, mas ao perceber a situação olhares são desviados e corpos saem de vista, há algo próximo ao emprego da desatenção civil, onde os atores envolvidos têm consciência da presença um do outro, mas optam por não se demonstrar excessivamente atencioso, ignorando a situação que acaba de presenciar.

Aquele que presencia algo constrangedor atua de modo a não embarçar o outro, não se mostra ameaçador com o desejo de continuar a observação da situação. Nas recorrências de ver ou ser vista, lança-se mão de manter o olhar, indicando que ver o outro em momentos íntimos foi acidental. Por vezes, sequer há espaço para que aquele que viu reaja, com o corpo sendo rapidamente retirado de visualização. Geralmente, sabe-se que foi vista e entende-se que foi sem querer, o cotidiano transcorre normalmente sem maiores constrangimentos.

Presenciar a vizinhança em roupas íntimas no quarto ou na sala, assistindo televisão, brincando pelos cômodos, namorando, discutindo ou nas janelas acompanhando a movimentação da rua ou do prédio ao lado é comum, essas situações corriqueiras da vida familiar são presenciadas e acompanhadas pelas janelas indiscretas, que permitem revelar ao público uma instância privada. Circunstância que configura uma intimidade forçada, um estar junto sem estar, observar o cotidiano do outro com ou sem intenção, uma vez que se encontra sempre à vista, possibilitado. A disposição dos prédios nos leva a acompanhar e ser acompanhada pelo outro, de modo direto ou indireto.

Nesse jogo de olhares presenciamos inícios e fins de relacionamento, o crescimento das crianças e adolescentes, as visitas de amigos ou familiares, as comemorações regadas ao álcool e a limpeza dos apartamentos. Roupas lavadas e penduradas nos varais de teto e nas grades de proteção conformam a paisagem da vizinhança, que se torna mais agitada à noite e nos finais de semana, quando as famílias estão reunidas em casa e os cômodos são bem visualizados devido à iluminação artificial.

É indiscreto observar situações da vida íntima da vizinhança, mas é viável e praticado, às vezes discretamente e outras nem tanto, mas quando pego no flagra, o elemento do acidentalmente retorna e a tentativa da desatenção é colocada em prática. A atenção constante ao outro pode ser notada em casos como a entrada abrupta de Laura e suas primas no prédio, subindo ao segundo andar correndo e com conversas acaloradas. Ao aparecer na varanda para verificar o ocorrido, encontro todos os moradores do X3 cujos apartamentos são de frente aos nossos, com uma ou duas pessoas de cada família acompanhando o que está acontecendo no 302, que pela disposição do X2 não consigo visualizar.

Uma conversa se inicia e conseguimos nos inteirar do ocorrido quando a vizinhança começa a perguntar o que houve e Laura relata a perseguição que sofreram na rua por uma dupla numa moto, escapando ao entrar no X2. Questionamentos de onde vieram, para onde foram, cor da moto e aparência dos sujeitos são feitos, movimentando a interação dos moradores dos dois prédios. Da varanda observamos a vizinhança e escutamos tudo, inclusive a ligação de uma moradora do terceiro andar do X3, que está debruçada na janela, para algum familiar avisando para ter cuidado ao retornar devido ao episódio em questão.

Trocas interacionais entre os moradores dos X2 e do X3 se desenrolam, mas não são tão frequentes quanto as trocas de olhares. Busca por informações se sucedem, como quando instalamos as redes de proteção do apartamento, ainda nos primeiros dias de mudança, e uma moradora do térreo do X3 perguntou, da porta do seu apartamento, sobre o serviço, ou quando outra moradora iniciou uma breve conversa para afirmar que o técnico da internet que veio atender nosso domicílio era seu irmão, com ela no pátio do prédio vizinho enquanto eu estava na varanda do 301. Logo, momentos de interações são criados entre a vizinhança, apesar de em menor frequência do que com os vizinhos de prédio.

O que predomina entre a vizinhança é o acompanhamento do cotidiano, a assimilação a uma intimidade forçada, que se inicia sem a pretensão do outro, mas que permanece, é presenciada e mantida pelo outro, com ou sem intenção. Quando se estar no mesmo cômodo que o outro e a janela evidência a ocasião, busca-se não fixar o olhar, mostrar que não está vendo e não tem interesse em acompanhar o outro, o cuidado de não ser indiscreto ocorre também com a retirada do corpo da área de visão possibilitada pela janela, com o fechamento dessa ou com a união das cortinas para ocultar o cômodo. Impera a sutileza na percepção do outro no jogo comunicacional.

Sutileza usada nas situações corriqueiras. Naquelas que requerem maior atenção para evitar fatalidades, lança-se mão da discrição, como quando um ex-casal da vizinhança do X3 estava em uma discussão acalorada e um estalo pôde ser ouvido. Ameaças de chamar a polícia e indicativos da vizinhança testemunhando a situação foram suficientes para findar o momento, com o passar dos dias o agressor não apareceu mais no apartamento do morador e recentemente um novo namorado surgiu. É nesses meandros que se configura o acompanhamento da vida doméstica do outro e vai se tecendo uma forma de intimidade que é forçada devido às circunstâncias.

Considerações finais

A experiência de viver relações estreitas no X2, configuradas pela personalidade, e de intimidade forçada na vizinhança do X3, com o acesso sem consentimento inicial à privacidade domiciliar do outro, permeia a vivência nesse prédio popular. As tensões relacionais, de saber jogar com os códigos morais e de conduta da dinâmica do prédio e com os olhares, as observações e as interações na convivência entre prédios são cotidianamente trabalhadas, fazendo uso de estratégias para evitar ranhuras relacionais, seja levando as queixas para a síndica ao invés de se indispor diretamente com um vizinho ou usando a sutileza dos olhares, de saber quando se mostrar distraído e desinteressado ou atento e solícito com a vizinhança.

No cotidiano vai-se produzindo familiaridade com as dinâmicas e circunstâncias locais. O que a princípio pode ser estranho para os recém-chegados no X2, como as relações estreitas e a condição contínua de pessoa, que é identificada e localizada na lógica relacional do prédio, ou a pouca privacidade no âmbito doméstico e familiar, com situações íntimas frequentemente à vista do outro, se torna progressivamente familiar mediante a convivência. Mesmo familiarizado com as ocasiões tensas, constrangedoras, solidárias e atenciosas próprias das relações pessoalizadas e comum a porosidade entre os âmbitos do público e do privado ocasionado pelas janelas indiscretas, há a possibilidade de não participar das trocas ao preferir a indiferença nas relações de vizinhança ou utilizar películas fumê e cortinas constantemente fechadas, ocultando ou dificultando a visualização dos cômodos e, conseqüentemente, da vida íntima.

É interessante notar, no domínio do X2, a estima pela dinâmica de relações de personalidade como norteadora da vivência, ocorrendo uma busca de integrar e permanecer nesse jogo relacional, por vezes tenso e conflituoso, mas igualmente receptivo e solícito. Estima-se o vizinho que participa das trocas simbólicas e materiais, que se mostra atento ao outro e aprende a jogar com dissimulações a prática da fofoca, comum para trocas de informações, o conhecimento de situações e a ocorrência de comentários elogiosos ou depreciativos. Mesmo os vizinhos mais ocupados, que se encontram no prédio principalmente aos finais de semana, participam das reuniões de condomínio e ocupam os espaços coletivos para socializar, de modo que desde nossa mudança apenas Márcio foi alvo de queixas por sua apatia e indiferença à lógica local, morador com quem pouco nos encontramos e conversamos, cuja troca não passou de saudações nos breves encontros.

A estima pela troca com o outro com atitudes de receptividade, simpatia e solicitude não é o que impera na relação entre prédios, onde o íntimo e familiar estão em jogo. Nesta direção, é bem quisto não se mostrar excessivamente atencioso, mas sim não ameaçador

a intimidade exposta ou captada pelas janelas indiscretas, onde o não consentimento inicial se torna uma espécie de anuência dissimulada devido à estrutura dos prédios. Cabe contar com a discrição da vizinhança, além das estratégias de preservação das situações domésticas com as tentativas de obstrução da visualização dos cômodos pelas janelas, para evitar ou não manter constrangimentos pela captação accidental ou não de cenas íntimas.

A indiscrição das janelas não precisa ser a mesma da vizinhança, é possível acompanhar nuances da vida do outro sem ser indelicado ou demonstrar atenção excessiva, quando pego no flagra é posto em prática a atuação de desvio do olhar como indicativo que a captação pode ter sido accidental ou que não irá continuar observando. Se se está assistindo a situações íntimas pelas janelas é possível dissimular com os desvios de olhar e a eventual saída das janelas. Mostrar que a observação foi sem intenção, mesmo que não tenha sido, parece ser a saída viável para essas ocasiões, uma vez que não foi presenciada nenhuma continuidade da observação flagrada.

É nesse contexto de relações pessoalizadas no prédio e situações de intimidade forçada entre prédios que se configura a experiência de vivenciar o cotidiano no X2, um residencial popular localizado no setor VII do bairro de Mangabeira, em uma área de crescente valorização imobiliária. Conviver com circunstâncias relacionais estreitas e duradouras, além das nuances que permeiam a porosidade do âmbito privado, onde ocasiões íntimas podem e são frequentemente presenciadas por outros sem uma anuência, produz uma experiência singular de moradia e de relações de vizinhança.

Residir em um conjunto de apartamentos não necessariamente resultará em relações impessoais e distantes, a dinâmica relacional depende dos sujeitos que integram o jogo. Esses moradores do X2 – trabalhadores assalariados ou aposentados, além de adolescentes em período escolar e jovens ingressando na universidade e no mercado formal ou informal de trabalho – preferem manter trocas materiais e simbólicas baseadas na personalidade, isto é, em relações próximas e duradouras em que o outro está constantemente na condição de pessoa.

É nessa direção que a vivência no X2 se processa, corriqueiramente interagindo com os vizinhos, acompanhando e sendo acompanhado pela vizinhança. Bem como se inteirando dos acontecimentos na Rua S/N, com as ocorrências habituais de moradores varrendo a via para mantê-la livre das folhagens do pé de tamarindo que caem ao chão – às 6 horas da manhã entra em ação o morador do prédio do outro lado da rua, e às 16h30min da tarde as duas moradoras do X3 –, dos veículos e pedestres que transitam pelo local. Mas também das ocorrências não ordinárias, como as tentativas ou práticas de assalto, compondo os elementos da cotidianidade de morar em um prédio popular.

Referências

Aboim, Sofia (2012). Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 1, pp. 95-117.

Cardoso de Oliveira, Roberto (1996). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. *Revista de Antropologia*, v. 39, n. 1, pp. 13-37.

Goffman, Erving (2010). *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis, RJ: Vozes.

____ (2012). *Ritual de Interação: Ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro (2018). Os homens comuns pobres na expansão do núcleo urbano de João Pessoa, PB: A periferação da cidade. *Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 2, n. 5, pp. 15-28.

Lavieri, João Roberto; Lavieri, Beatriz (1999). Evolução da estrutura urbana recente de João Pessoa - 1960 a 1986. *Textos UFPB-NDIHR*, n. 29, pp. 01-47.

Magnani, José Guilherme Cantor (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, ano 15, n. 32, pp. 129-156.

Maia, Doralice Sátyro (2014). Habitação popular e o processo de periferação de fragmentação urbana: uma análise sobre as cidades de João Pessoa-PB e Campina Grande-PB. *Geosul*, v. 29, n. 58, pp. 89-113.

Negrão, Ana Gomes (2012). *Processo de produção e reprodução da cidade: Um estudo sobre os estágios evolutivos ao longo dos espaços estruturados pelo corredor da avenida Dom Pedro II, João Pessoa, Paraíba*. Dissertação de Mestrado, PPGEUA/Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Nunes, Anselmo de Oliveira (2017). Memórias e histórias dos moradores da comunidade de mangabeira. In *VIII Congresso Internacional de História e XXII Semana de História*, Maringá-PR, Brasil.

Oliveira, José Luciano Agra de (2006). *Uma contribuição aos estudos sobre a relação transporte e crescimento urbano: O caso de João Pessoa-PB*. Dissertação de Mestrado, PPGECA/Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Peirano, Mariza (2000). A antropologia como ciência social no Brasil. *Etnográfica*, v. 4 (2), pp.219-232.

Pontes, Williane Juvêncio (2021). *Transformando o espaço em lugar: uma etnografia sobre a Comunidade do Timbó, João Pessoa-PB*. Recife-PE: Edições Grem-Grei.

____ (2023). Periferação e estratégias de resistência: a formação de uma comunidade a partir do processo de crescimento urbano de João Pessoa-PB. *Ponto Urbe*, v. 31, n. 1, pp. 1-21.

Prado, Roseane (1998). Cidade Pequena: paraíso e inferno da personalidade. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n. 4, pp. 31-56.

Silva, Priscila Anne Monteiro da (2014). *Bairro de Mangabeira: Um subcentro urbano na cidade de João Pessoa/PB*. Trabalho de Conclusão de Curso. CCEN/Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Velho, Gilberto (1978). Observando o familiar. In: Nunes, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social* (pp. 36-46). Rio de Janeiro: Zahar.

____ (1980). *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar.

____ (1998). *Nobres e anjos. Um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora.

Recebido em 04 de março de 2024.

Aceito em 19 de julho de 2024.

Pessoalidade, janelas indiscretas e intimidade forçada na vivência de um prédio popular

Resumo

A experiência de moradia em um prédio popular na zona sul da cidade de João Pessoa-PB é o que norteia esta reflexão em torno de relações com a vizinhança baseadas na pessoalidade e na intimidade forçada, possibilitada pelas janelas indiscretas dos apartamentos. O residencial X2, no bairro de Mangabeira, é o universo de análise onde transcorrem as dinâmicas cotidianas que configuram a experiência etnográfica de vivenciar trocas intersubjetivas estreitas e duradouras, se baseando em observações, escutas e conversas informais, bem como na participação de situações corriqueiras, para construir o material analítico que sustenta a reflexão. Este artigo é, portanto, uma análise das nuances de como é viver em um prédio popular onde todos se conhecem e tudo é conhecido por todos.

Palavras-chave: João Pessoa-PB; Experiência etnográfica; Pessoalidade; Vizinhança; Conhecimento mútuo.

Personal connections, indiscreet windows and forced intimacy in the experience of a populous residential building

Abstract

The experience of living in a popular building in the southern zone of the city of João Pessoa-PB is the central focus of this reflection on relationships with neighbors based on personal interaction and forced intimacy, facilitated by the indiscreet windows of the apartments. The X2 residential complex, located in the Mangabeira neighborhood, serves as the analytical universe where the everyday dynamics unfold, shaping the ethnographic experience of engaging in close and enduring intersubjective exchanges. This analysis is grounded in observations, listening, and informal conversations, as well as participation in mundane situations, to construct the analytical material that underpins the reflection. Therefore, this article is an examination of the nuances of living in a popular building where everyone knows each other, and everything is known by everyone.

Keywords: João Pessoa-PB; Ethnographic experience; Personal interaction; Neighborhood; Mutual knowledge.